

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

“OS FILÓSOFOS APENAS INTERPRETARAM O MUNDO DE DIFERENTES MANEIRAS O QUE IMPORTA É TRANSFORMÁ-LO”



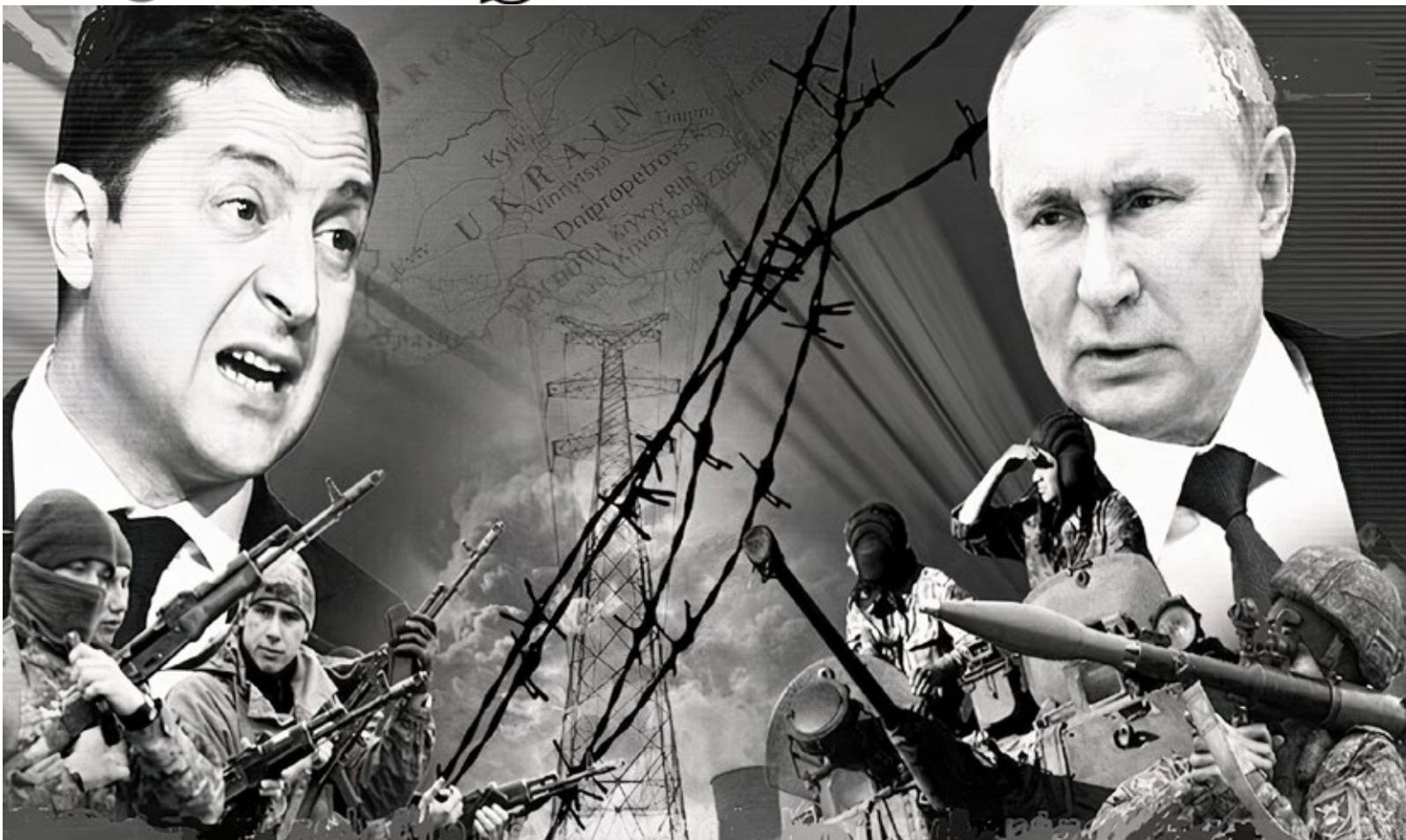
Emancipação Socialista



(11) 95675-2133

Nº 15 15/03 a 14/04 de 2022

R\$ 2,00



ESSA GUERRA NÃO INTERESSA AOS TRABALHADORES

OTAN E ESSES GOVERNOS SÃO TODOS INIMIGOS DOS TRABALHADORES!

**A ILUSÃO DO
EMPREENDEDORISMO**

**OS REVOLUCIONÁRIOS E A
AUTODETERMINAÇÃO DOS POVOS**

**CENSURAR AS MÚSICAS
"DATADAS"?**

**UCRÂNIA LIVRE DA OTAN, DA
RÚSSIA E DESSES GOVERNOS**

**PUTIN CUMPRE UM PAPEL
PROGRESSITA?**

**A SITUAÇÃO DAS MULHERES
TRABALHADORAS**

LAUDÊMIO PARA A (EX) FAMÍLIA REAL EM MEIO À TRAGÉDIA DE PETRÓPOLIS

A tragédia das chuvas da cidade turística de Petrópolis já deixou mais de 223 mortos, tendo ainda 30 desaparecidos e incontáveis casos de dramas pessoais que perdurarão ao longo da vida de pessoas simples e trabalhadoras. Por exemplo, o professor Alessandro Garcia que perdeu a esposa, os dois filhos, os sogros e a casa onde morava.

Estão responsabilizando o meio ambiente e não os governantes que se lixaram para as condições de moradia do povo pobre da cidade. Mais escandaloso é saber que ainda existe o privilégio do laudêmio, uma taxa cobrada desde o período colonial, para antiga e parasita família real.

Em Petrópolis, o laudêmio é recolhido pela CIP (Companhia Imobiliária de Petrópolis), criada para gerir a herança e administrada por dez integrantes da família Orleans e Bragança. A chamada «taxa do príncipe» é de 2,5% sobre todas as transações imobiliárias na área da antiga fazenda imperial, o centro histórico de Petrópolis.

O autoproclamado príncipe imperial Bertrand de Orleans e Bragança soltou nota se solidarizando com as vítimas da tragédia, porém, nenhuma palavra a respeito sobre abrir mão do indecente imposto. Muito cara de pau!

SOLIDARIEDADE DE CLASSE À PETRÓPOLIS

Contribuição Financeira:

Banco do Brasil: agência 0303-4, conta corrente: 45567-9. CSP Conlutas;

Solidariedade ao professor Alessandro Garcia: divulgando os vídeos do seu canal no Youtube (Ministério dos Quadrinhos), pois o Youtube remunera os canais pelo número de visualizações.

O jornal **Consciência de Classe** é o órgão de imprensa da organização Emancipação Socialista. Os artigos assinados expressam a opinião dos autores. Estamos abertos a contribuição de texto de ativistas de esquerda mesmo de carácter crítico às nossas posições.

ESSE MONARK SÓ DÁ PEDAL PARA A EXTREMA-DIREITA

Bruno Monteiro Aiub, o Monark, fundador do *Flow Podcast*, escandalizou a opinião pública ao defender a legalização de partido nazista no Brasil. Na entrevista, chegou a ter a concordância de Kim Kataguri e uma tímida (e quase conivente) opinião contrária de Tábata Amaral, ambos entrevistados.

Monark foi demitido do próprio canal que fundou e foi limado de outras plataformas digitais, após os protestos de milhares de militantes de partidos de esquerda, de movimentos sociais, organizações de direitos humanos e antirracistas e de judeus.

Monark alegou que estava bêbado quando fez a declaração, mesmo assim perderam vários patrocinadores.

Kim Kataguri, do reacionário

Movimento Brasil Livre foi obrigado a fazer autocritica e Tábata Amaral, eleita com o apoio da privatista Fundação Lehmann, pediu desculpas por ter se deixado fotografar com Monark na ocasião, mas não convenceram.

Na verdade, Monark é apenas a voz e a expressão do crescimento da extrema-direita no Brasil. Dados da ONG Anti-Defamation League (ADL) mostram que hoje o Brasil é o país no mundo onde mais cresce o número de grupos de extrema direita, com 530 células nas regiões Sudeste e Sul do país. Muitos desses grupos estão envolvidos com as milícias das redes sociais que apoiam o governo Bolsonaro e ajudam alavancar essas plataformas digitais e influencers como os Monarks da vida.

MOVIMENTO DE EXTREMA-DIREITA DOS CAMINHONEIROS DO CANADÁ

O negacionismo anti-vacinas contra a COVID-19 não tem fronteiras. O movimento dos caminhoneiros canadenses contra o passaporte obrigatório da vacina para os transportadores transfronteiriços é um exemplo. Começou no final de janeiro e só terminou na terceira semana de fevereiro.

A capital do Canadá, Ottawa, chegou a ser ocupada por um comboio de caminhoneiros, com a adesão de centenas de carros, interrompendo o tráfego, fechando lojas e escritórios (48% dos estabelecimentos do centro da cidade fecharam antes ou durante o protesto) e intimidando os moradores.

O chamado “Comboio da Liberdade” se espalhou com o bloqueio de uma terceira passagem fronteiriça com os Estados Unidos (inclusive na ponte Ambassador Bridge, que liga Detroit, nos EUA, e Windsor, na província de Ontário), interrompendo o comércio no posto fronteiriço mais movimentado da América do Norte, por onde passa 25% de todo o comércio entre os dois países.

O movimento foi liderado por personalidades de extrema direita que adotaram no passado a retórica islamofóbica ou nacionalista branca. Alguns manifestantes foram vistos usando símbolos nazistas e agitando bandeiras racistas. O movimento foi idealizado por James Bauder, um autoproclamado teórico da conspiração, e teve a participação de Romana Didulo, ambos defensores do movimento Qanon (grupo que agrega pessoas de extrema-direita, divulga teorias conspiratórias e fake-news) chegaram a exigir a execução de qualquer um que ajudasse a vacinar crianças.

Uma campanha na plataforma GoFundMe arrecadou 7,6 milhões de dólares para apoiar o comboio, sendo muitas doações feitas por atores de extrema direita americanos.

O movimento teve o apoio de quase um terço da população e foi encerrado pela polícia, com confrontos, 191 presos e 57 caminhões rebocados. Para isso, pela primeira vez na história do Canadá, foi acionada a Lei de Emergência Nacional.

Emancipação Socialista é uma organização formada por trabalhadores e trabalhadoras. Atuamos na luta de classes com o objetivo de construção do socialismo. Temos como referência o marxismo, um método vivo para a análise da realidade e da prática revolucionária.

Também nos apoiamos nas elaborações de outros marxistas revolucionários que contribuíram para o enriquecimento dessa teoria e da prática militante. Se tiver interesse em conhecer melhor nossas posições entre em contato por um dos canais das redes sociais.

A FARSA DO EMPREENDEDORISMO

No último trimestre de 2021, o Brasil estava com a taxa de desemprego de 11,6% (IBGE), ainda que recuada em relação à 2020, que chegou a 14,4%, mostra patamares elevados, levando em consideração que esses números não contabilizam as pessoas que desistiram de procurar emprego e aquelas em subempregos.

Ainda no mesmo estudo, constatou que a renda média do trabalhador também chegou ao menor patamar mensurado, de R\$2.444. Mostrando que mesmo aqueles que possuem emprego, estão mais pobres.

Como o capitalismo precisa superexplorar sem garantir direitos básicos para todos os trabalhadores, cria ideologias para culpabilizar o trabalhador pela sua condição de explorado, uma dessas formas é a proposta do empreendedorismo.

O QUE É O EMPREENDEDORISMO?

Esse termo sugere que a pessoa consiga planejar, criar, gerenciar e realizar seu próprio negócio, sendo o “próprio patrão”. Sob essa lógica, qualquer pessoa pode ter uma ideia de um empreendimento e fazendo investimentos, conseguir viver deste trabalho, com perspectivas inclusive de crescer e ter uma grande empresa.

O neoliberalismo cumpre bem essa tarefa, sempre individualizando as questões sociais como a falta de emprego e a diminuição de renda da população, visto que são questões estruturais de nossa sociedade, para essa proposta fantasiosa de que com esforço, qualquer pessoa consegue abrir uma empresa e caso não consiga o sucesso e se tornar milionário, é porque não tentou da forma correta ou o suficiente e deve tentar novamente.

Essa ideia perpassa por diversos espaços, como nas mídias com programas como “Shark Tank”, nas redes sociais, páginas sobre essa temática chegam a ter mais de 2 milhões de seguidores, em muitos cursos profissionalizantes e de ensino superior, bem como agora com a Reforma do Ensino Médio, também vemos diversas empresas focando para que os jovens estudem e se preparem para serem empreendedores.

Outra forma de iludir as pessoas, é apresentando seus ícones, jovens e ambiciosos empresários que saíram de uma garagem no Vale do Silício e se tornaram grandes milionários como Bill Gates (Microsoft) e Steve Jobs (Apple); Mark Zuckerberg (Facebook/Meta). A produção de filmes e documentários sobre essas pessoas, bem a estrutura de um parque de diversões no Vale do Silício com museus em suas homenagens, proporcionam a ideia canônica de seguir o modelo desses bilionários que nada mais fizeram que aproveitar do mercado capitalista e criar negociatas que alavancaram seus negócios a custa de muito trabalho superexplorado.

Não à toa, diversos trabalhadores da empresa chinesa Foxconn se suicidaram dentro da empresa (produzem os equipamentos da Apple), à mesma época, Steve Jobs deu a seguinte declaração: “Apesar de todo o suicídio ser uma tragédia, a taxa de suicídio na Foxconn está muito abaixo da média das empresas chinesas. Estamos todos atentos à situação.” Normalizando a ocorrência de suicídios dentro de empresas...

Ainda nessa discussão, alguns apresentam a “Teologia do Empreendedorismo”, que realiza uma correlação dessa perspectiva com crenças bíblicas, usando a culpa, o castigo e o sofrimento como caminhos para se chegar ao sucesso...

ISSO DÁ CERTO?

De imediato pontuamos que não. Primeiro que a possibilidade de se tornar um milionário é praticamente nula. Segundo a revista Forbes, dos 12 brasileiros mais ricos, 9 o são devido a herança de suas famílias, os outros são pessoas de grande poder aquisitivo que conquistaram esse posto a partir da grande e intensa exploração de muitos trabalhadores (como Eike Batista).



Além disso, as maiores potências mundiais não são os países com maior número de trabalhadores como empreendedores, esse circuito fica em países periféricos como Bangladesh que possui 3/4 de sua força de trabalho nessa categoria, mostrando que o empreendedorismo favorece ainda mais a exploração individual sem possibilidades de articulação entre trabalhadores, visto que “não há um padrão em comum para enfrentar”.

Também, é necessário resgatar que ser dono de seus instrumentos de trabalho, não oferece a propriedade sobre o seu trabalho que fica regulado pelo mercado de trabalho e as limitadas possibilidades de comercialização, pois mesmo com a internet e a fantasia de maior expansão de lojas virtuais.

O domínio virtual, assim como o real, é predominante das grandes redes de vendas. Mesmo com a facilidade de abertura de CNPJ e MEI, são armadilhas que mais possibilitam endividamento da classe trabalhadora do que crescimento comercial (o endividamento das famílias brasileiras bateu novo recorde em 2021 com 70,9% com suas rendas comprometidas).

Assim, a saída fantasiosa do empreendedorismo é mais uma artimanha neoliberal de iludir a classe trabalhadora de que pode ascender socialmente nesse sistema e principalmente, desarticular e tirar a possibilidade de reconhecimento da classe trabalhadora enquanto classe, busca estimular a disputa e nos vemos como adversários a superar na conquista capitalista.

Entendemos que é importante não cair nessas falácias, e mesmo que seja necessário organizar pequenos comércios como forma de sobrevivência, precisamos manter a mobilização e diálogo contínuo entre trabalhadores, pois só no enfrentamento à classe dominante podemos superar esse sistema de exploração.

UMA UCRÂNIA LIVRE DA OTAN, DOS ESTADOS UNIDOS E DA RÚSSIA! NENHUMA CONFIANÇA NO GOVERNO UCRANIANO!



A mídia brasileira assumiu uma posição deliberadamente pró-Estados Unidos e OTAN. Isso não é novidade e revela bem como a burguesia brasileira trata os conflitos. A Rússia faz o mesmo que os Estados Unidos fizeram no Vietnã, Iraque, Afeganistão, etc. ou o que está fazendo Israel nos territórios palestinos. São invasores que defendem “liberdade”, mas, os que resistem são considerados terroristas. Também silencia sobre os Estados Unidos serem uma ameaça atômica, terem 800 bases militares pelo mundo (76 na América Latina) e possuírem mais de 200 mil soldados em outros países.

A OTAN mente ao pregar a paz. Esses países já invadiram dezenas de países, mataram milhões de pessoas, financiaram golpes militares e torturas. A paz que pregam é a “paz dos cemitérios”. Assim, segue sem nenhuma crítica da mídia burguesa à OTAN ou Israel.

Putin não merece nenhuma defesa. É um governo reacionário e ditador, num Estado policial que persegue opositores, intensifica a opressão e exploração sobre a classe trabalhadora, reprime e prende pessoas LGBT+ e manifestações. Estamos contra essa guerra e contra essas invasões, necessárias para a crise estrutural em que o capital se encontra.

Também não defendemos a presença dos Estados Unidos e a

expansão da OTAN, verdadeiros desejos do governo ucraniano. Os Estados Unidos não estão interessados na independência ucraniana, mas em manter sua influência na Europa e seu fortalecimento em outras partes do mundo. Provocaram e incentivaram essa invasão para ampliar o seu lucrativo e ameaçador aparato de guerra.

Somos contra a invasão e também não defendemos o governo ucraniano de Zelenski (eleito com discurso contra política e corrupção) que quer instalar bases militares da OTAN no país, é apoiado por grupos nacionalistas de extrema-direita (alguns, inclusive, nazistas), oriundos das manifestações de 2014 na praça Maidan e que buscam fortalecer esses tipos de grupos em outros territórios.

Unidade da classe trabalhadora pelo fim da guerra! Fora Rússia da Ucrânia! Pela dissolução da OTAN, máquina de guerra, inimiga dos povos!

NESSA GUERRA SÓ ESTÃO INTERESSES CAPITALISTAS

Em toda disputa militar há informações com mentiras, manobras, etc., que apresentam ditos “defensores de interesses do povo, mas, não são. Nessa guerra está em disputa também a intensificação da exploração da classe trabalhadora ucraniana, maior vítima e já com centenas de mortes, do desemprego, da precarização da vida e da fome.

Dizem defender a “vontade do

povo”, mas sequer houve consulta popular para decidir sobre a entrada da Ucrânia na OTAN. Pelo contrário, pesquisas apontam que a maioria da população é contra. Em 2007 eram 20%. Em 2017, indignados pela Rússia ter anexado a Criméia, 40% apoiavam a entrada na OTAN. É provável que a partir dessa invasão tenha aumentado esse apoio.

As guerras interessam às burguesias porque são extremamente lucrativas de várias formas. Segundo a ONU, em 2021, foram utilizados mais de US\$ 2 trilhões com armamentos. Com cada bombardeio surge a necessidade de produzir mais armas, o que também aumenta os lucros.

A burguesia ucraniana não garantirá uma Ucrânia livre e independente. O governo de Zelensky sempre expressou ser mais próximo dos Estados Unidos e da União Europeia. Portanto, enfrenta os russos não para garantir independência e sim para garantir aos países imperialistas a intensificação de expropriação das riquezas produzidas pela classe trabalhadora ucraniana.

A verdadeira independência da Ucrânia só é possível com a unidade da classe trabalhadora como sujeitos do processo revolucionário, com o apoio e as lutas de demais manifestantes nos demais continentes.

OS REVOLUCIONÁRIOS E A AUTODETERMINAÇÃO DOS POVOS

A luta dos povos por independência nacional é uma das questões mais complexas da luta de classes e objeto de muitos debates. Para ajudar a pensar sobre a recente “questão ucraniana” vamos expor, sucintamente, parte desse debate.

Autodeterminação é o direito dos povos se separarem ou se declararem independentes de um Estado opressor e se constituírem como Nação independente. É histórica a luta e a conquista do direito dos povos se autodeterminarem dos Estados opressores.

No início do século XX esse tema foi muito polêmico no movimento socialista. Por exemplo, Rosa Luxemburgo era contra e Lênin a favor. Como a Rússia czarista dominava vários povos a questão da independência nacional foi uma das primeiras preocupações da Revolução Russa e terminou prevalecendo a posição de que o Estado soviético

não poderia impor aos povos antes dominados pelo império czarista (Geórgia, Ucrânia, Polônia, etc.) que fizessem parte da República Soviética. Para os Sovietes a República Soviética Russa deveria ser “na base de uma união livre de nações, como uma federação de repúblicas nacionais soviéticas”. (3º Congresso dos Sovietes).

Para os bolcheviques a expansão da Revolução era uma questão fundamental, mas sabiam que revoluções não se impunham de fora para dentro, pois era uma tarefa a ser realizada pela própria classe.

Em 1918, lançam a “Declaração dos Direitos do Povo Trabalhador e Explorado” apelando para a formação de uma Federação de Repúblicas Soviéticas, em uma aliança livre e voluntária entre os povos. Um chamado aos povos oprimidos pelo czarismo a se somarem à Revolução, formando a federação e **mantendo a autonomia de cada nacionalidade** e assim fortalecendo a Revolução e o

poder soviético. Isso representava também uma alternativa para outros povos dominados pelo imperialismo como as diversas nacionalidades africanas.

Seguir esse exemplo nos dias de hoje, com a construção de uma Federação Socialista de Países da América Latina a partir de necessidades fundamentais da classe trabalhadora, permitiria aos povos do continente aproveitar coletivamente sua produção de alimentos, energia, água, petróleo, parque industrial, etc., ou seja, toda a riqueza produzida. E, ao mesmo tempo, permitiria respeitar de fato a autonomia territorial e cultural de cada país e com a plena autonomia.

Como parte dessa política os bolcheviques assinaram tratados com a Polônia, Lituânia, Estônia, Letônia, entre outros. Garantiram a independência desses países e perdoaram as dívidas que tinham com o regime czarista opressor.

Mas, também tiveram erros como a invasão da Geórgia, defendida arduamente por Stálin. Lênin inicialmente apoiou e pouco antes de morrer mudou de posição com pesadas críticas à política de Stálin.

Com a **contrarrevolução stalinista**, o princípio revolucionário de não “imposição do socialismo” pela invasão do Exército Vermelho foi rompido em 1939 quando, sob ordens de Stálin, a ex-URSS ocupa territorialmente a Lituânia, Estônia e Letônia. Uma ação contrarrevolucionária

que serviu para alimentar o ódio contra o socialismo, bem diferente dos bolcheviques que eram contra a invasão, mas corretamente apoiavam movimentos revolucionários nesses países eles desenvolverem os processos revolucionários.

Atualmente há muitos povos que lutam **pelo direito democrático de se constituírem como Estado independente** (Curdos contra Irã, Síria, Turquia e Iraque; palestinos contra Israel; catalães e bascos contra Madrid, etc.). Apoiamos esses povos em sua luta contra as nações opressoras e também luta pela união livre e voluntária de todos os povos contra o capitalismo e pela Revolução Mundial.

As burguesias não garantem a independência nacional, pois são dependentes economicamente do imperialismo e por isso se associam a ele para, juntos, atacarem a classe trabalhadora de cada país.

Só o socialismo pode garantir a liberdade plena para os povos do mundo

Nós, Emancipação Socialista, apoiamos as lutas e a unidade da classe trabalhadora por todo o mundo contra seus governos capitalistas; contra as invasões, guerras e nações opressoras que impõem a fome e o extermínio! Defendemos a união livre e voluntária de todos os povos por uma sociedade socialista! Por uma revolução mundial para o fim o sistema opressor e explorador!

UM BREVISSIMO RESUMO HISTÓRICO DA UCRÂNIA

Não é a primeira vez que a Ucrânia é invadida pela Rússia. O império czarista e Stálin já tinham imposto a fome (Holodomor, por exemplo), o extermínio de milhões e controlado pela força o povo ucraniano. E novamente está no epicentro das disputas econômicas e geopolíticas entre potências militares. Seguem alguns apontamentos para compreendermos a história ucraniana.

Originada a partir da expansão viking, é marcada por períodos de crescimento econômico e cultural (no século XII, Kiev foi o maior centro do Leste Europeu) com invasões e anexações (mongóis, poloneses e império russo e stalinismo). É o primeiro Estado eslavo (séc. XIV) e com curtos períodos de Estado independente. No século XIX uma parte ficou sob domínio da “Grande Rússia” absolutista e a outra foi dominada pelo Império Austro-húngaro.

A Revolução Russa recolocou a possibilidade da independência, pois os bolcheviques defendiam o direito à autodeterminação dos povos.

Com a dissolução do império czarista, a burguesia contrarrevolucionária e grupos nacionalistas ligados à Alemanha formaram a “Rada Central” para assumir o controle político da região e impedir a classe operária e os camponeses de avançarem com a Revolução. Foram

derrotados por forças anarquistas makhovistas e pelo Exército Vermelho (numa Frente Única, com muitas divergências).

A incorporação da Ucrânia na “União das Repúblicas Soviéticas” não fez desaparecer as contradições, mas foram mediadas pelos bolcheviques. A ascensão do stalinismo fez ressurgir os conflitos, principalmente com a imposição da “coletivização forçada das fazendas” – os Kolkhoses (fazendas coletivas) e dissolução dos kulaks (pequenos camponeses) – até com o confisco da produção de alimentos para priorizar a industrialização do país.

Os pequenos camponeses resistiram, mas a produção agrária desestabilizou e o resultado foi a fome em toda URSS, pois a Ucrânia era a principal produtora agrícola. Foram milhões de mortes.

NO PÓS-GUERRA

Foi ocupada por forças nazistas que, inclusive, teve apoio de parte da população (explicado pelo ódio que tinham de Stálin). Stepan Bandera, por exemplo, homenageado pelos grupos nazistas Pravy Sektor e o Azov Battalion, foi uma liderança nacionalista que apoiou a invasão na ilusão de ter a independência. Depois, traído pelos nazistas, se opôs e foi enviado para um Campo de Concentração. E os nazistas

mataram mais de 5 milhões de pessoas.

Os soviéticos expulsam os nazistas em 1944. Com a reconstrução, o Leste do país recebeu investimentos e se tornou o segundo parque industrial mais importante da antiga URSS. A influência russa (moradores se consideram “eticamente russos”) está muito relacionado a essa questão. As províncias de Luhansk e Donetsk (região de Donbass) que se declararam independentes são do Leste da Ucrânia. E nessa atual guerra foram as portas para forças militares russas entrarem em território ucraniano.

Com a dissolução da URSS, em 1991 se declarou independente e formou a CEI (Comunidade de Estados Independentes) com a Rússia e Belarus. Em 1994 repassou as armas atômicas para a Rússia.

Muitos historiadores (Putin também..) argumentam que a Ucrânia não tem identidade nacional e dão como exemplo o povo brasileiro (com o Eu sou brasileiro!). Há regiões que se sentem russos (língua, tradições, etc.) como a Criméia ao Sul e Donbass ao Leste. Outras, como a capital Kiev, têm sentimento nacionalista mais fortes, ou seja, a identidade nacional é desigual e varia de região para região.

Os nacionalistas ucranianos sempre se aliaram a reacionários e hoje contribuem para o fortalecimento da extrema direita pelo mundo como o apoio aos alemães na I e II Guerras e agora à OTAN e aos Estados Unidos.



PUTIN REPRESENTA UM POLO PROGRESSIVO NA GEOPOLÍTICA INTERNACIONAL?

Parcela importante da esquerda parece ignorar a agressão russa na Ucrânia. Nem utiliza o termo ‘invasão’, como quer o Kremlin e enxerga em Putin e nas relações com os chineses uma alternativa ao imperialismo e algo progressivo na geopolítica internacional. Isso não se sustenta no mundo concreto e na teoria do marxismo revolucionário.

Até as vésperas da invasão tais setores negavam veementemente a intenção de entrar na Ucrânia, era uma ‘invenção da imprensa internacional’, mesmas palavras “mini czar”:

“A Rússia tem repetidamente rejeitado todas as alegações de que planeja atacar a Ucrânia, descrevendo-as como ‘ficção’. ‘As conversas sobre a próxima guerra são provocadoras por si mesmas. [Os EUA] parecem estar pedindo isso, querendo e esperando que [a guerra] aconteça, como se quisessem fazer suas especulações se tornarem realidade’, disse o embaixador russo na ONU, Vassily Nebenzia”. (<https://bit.ly/3IJBjCO>)

Além deste desrespeito à inteligência das pessoas, Putin proibiu o uso das expressões “guerra” e ‘invasão’ para se referir aos acontecimentos da Ucrânia. São “manobras militares” e visam combater o inimigo estadunidense e a OTAN, uma guerra preventiva.

Depois da invasão consolidada foi preciso justificá-la. Neste caminho, essa foi a síntese de Breno Altman – representante da defesa russa - em artigo na FSP no dia 1/3, isentando a responsabilidade da potência regional. Segundo ele, Putin foi empurrado para ‘ataque’ ou ‘crise militar’ e, enquanto destaca o poderio ucraniano, se cala sobre o arsenal russo.

POR AQUI, HÁ QUEM JUSTIFIQUE A AÇÃO DE PUTIN

Para Altman, a Rússia está correta em impedir o ingresso ucraniano na OTAN. E, ainda, um tanto ufanista, diz que “a crise ucraniana conclui um período histórico no qual a hegemonia norte-americana era tida

como incontestável. Depois de 30 anos, a ordem unipolar agoniza sob os pés de uma Rússia reerguida”. (<https://bit.ly/3Ca4lbJ>)

Em texto no site Opera Mundi, de 22/2, ele sugere que “*o Estado burguês russo tem contradições de fundo com a ordem imperialista, pois seu desenvolvimento colide com os interesses das potências imperialistas ocidentais*”. E essas contradições são a base política que aproxima Putin “*com a República Popular da China, com Cuba e com governos progressistas da América Latina, ainda que não partilhe a mesma perspectiva socialista reivindicada por essas outras experiências*”. (<https://bit.ly/3IJ3kK1>)

O autor não consegue, do ponto de vista dos interesses dos trabalhadores, mostrar algo de progressivo na ação de Putin em aliança com chineses. Sabemos que a história do capitalismo é marcada por disputa entre países e blocos por fatias do mercado mundial, mas a questão de fundo é o que essa ação de Putin favorece os trabalhadores? Quais seriam as nossas migalhas?

Opinamos que nada. Essa guerra não é nossa!

Os textos de Altman são parciais, embora tenham o mérito da sinceridade. Voltando ao tema da Guerra, ao defender a tática defensiva ou preventiva, Altman desconsidera que a Rússia não foi atacada militarmente pela Ucrânia e que a invasão russa atinge civis.

Segundo Putin, a Ucrânia nem pode ser considerado como Estado Nacional, pois foi uma invenção leninista. Além de atacar Lênin (defendia a autodeterminação do povo ucraniano) ainda retoma a ideia czarista reacionária e chauvinista de “Grande Rússia”. Isso é progressivo? Para o projeto do “*mini-czar*”, a Ucrânia deve ser parte da Rússia.

Ao fim e ao cabo Altman saúda a invasão e vê com otimismo o fortalecimento de um regime

autoritário que coloca o mundo à beira de uma crise mundial e com ameaças de utilização das armas nucleares. O resultado é o isolamento russo e o fortalecimento da OTAN como “polícia do mundo”, algo que concretamente, se volta contra a classe trabalhadora mundial.

A política imperialista não pode ser um argumento a favor de Putin, pois na prática está reproduzindo o mesmo método. Há coerência em usar o inimigo como referência?

PUTIN REPRESENTA A EXTREMA-DIREITA

Por fim, há a argumentação sobre os grupos neonazistas na Ucrânia como justificativa para a invasão. De fato, existem e são organizados como grupos paramilitares e alguns próximos ao poder de Estado. No entanto, tiveram aproximadamente 2% dos votos nas últimas eleições ucranianas, uma influência bem abaixo da extrema direita de outros países da Europa. A guerra poderá, curiosamente, fortalecer tais grupos que utilizam forte discurso russófóbico. Com essa lógica é que formaram os batalhões paramilitares e atraíram militantes.

Neste caso, aliás, cabe lembrar que Putin é de extrema direita e é referência para Marine Le Pen (França), Nigel Farage (Reino Unido) e Heinz-Christian Strache (Áustria), até Donald Trump. A postura de apoio e hesitação de Bolsonaro, aliás, não é por acaso.

Putin combate os Direitos Humanos, é homofóbico, defende os “valores morais da família” supostamente cristãos, etc., ou seja, é o contraponto das conquistas dos movimentos sociais em várias partes do planeta, mesmo nos limites das democracias burguesas.

Não é uma boa aposta para o futuro da humanidade. Putin cumpre um papel reacionário neste conflito, bem diferente da ilusão desses setores da esquerda.

Só uma coisa é certa: a classe trabalhadora mundial sairá perdendo, pois Putin, OTAN, governo ucraniano, Estados Unidos (e outros) disputam que vai explorar mais.



IDENTITARISMO E INDÚSTRIA CULTURAL: DISCURSO E PRÁTICA

Acompanhamos notícias sobre a decisão de Chico Buarque parar de cantar a música **Com Açúcar, Com Afeto**. Esta, composta em 1967, narra a rotina de uma mulher resignada na sua relação com o marido boêmio. Houve especulações sobre feministas que teriam recentemente atacado os versos considerados machistas, mas o artista declarou que parou de cantá-la em **shows há décadas**.

A mídia explorou o assunto com feministas apoiando a censura às músicas ou fazendo uma ressalva à canção citada por estar descrevendo uma mulher que ainda existe em nosso tempo. Obras de arte refletem sua época. Representam as bandeiras do grupo social que as elabora, são ideológicas. A morte de ideologias acontece lentamente com a ascensão de novas formas de ver o mundo.

Grande parte das canções citadas como “datadas” nas matérias que trataram da polêmica já nem são muito tocadas pelos seus intérpretes. É o caso de **Você não Passa de uma Mulher**, gravada por Martinho da Vila em 1975 para a novela Pecado Capital e a música **Fita Amarela**, gravada por Zeca Pagodinho e composta por ele e outros compositores, em 1997. Pouco depois do debate em torno da obra de Chico Buarque, Martinho avisou que nunca gostou de sua música e só cantou por ocasião do lançamento, já a canção de Zeca Pagodinho, para gravar em homenagem ao autor, Martinho da Vila fez questão de mudar a letra em uma apresentação.

É certo que as obras deixam de cumprir o papel que tiveram. Mas a censura prévia abre caminho para uma nova sociedade?

A ARTE FAZ PARTE DO MOTOR DA HISTÓRIA

As marchinhas de carnaval de Lamartine Babo nos anos trinta se consolidaram com a famosíssima **O teu Cabelo não Nega**, que todos conhecem, mas ninguém canta mais impunemente. Quando os versos: “*mas como a cor não pega mulata/ mulata eu quero o teu amor*” estouraram, Getúlio

Vargas havia tomado o poder dando início ao período liberal da política brasileira e Gilberto Freyre publicou o livro **Casa Grande & Senzala** que, apesar de rechaçar as teorias racistas de branqueamento da população, trazia a ideologia da democracia racial e apagamento da violência a que os descendentes de negros escravizados estavam expostos no Capitalismo.

Dentre as músicas citadas nas redes sociais como letras que hoje não seriam lançadas está **Esporrei na Manivela**, gravada em 1995 pela banda de rock Raimundos: “*No coletivo o que manda é a lei do pau/ quem tem esfrega/ quem não tem se dá mal*”. É apologia ao estupro. **Ciúme**, do Ultraje a Rigor em 1985, também é alvo de críticas porque o narrador não consegue ser “moderninho” e deixar a namorada ter outras amigas. O Guns’n Roses, em 1988, gravou **One in a Million**, uma música xenófoba e homofóbica. Os Beatles também ameaçaram sua amada de morte em mais de uma canção, e até Gilberto Gil, em 1979, gravou **Minha Nega na Janela** com versos que hoje são explicitamente racistas: “*Éta nega, tu é feia/ parece uma macaquinha/ olhei pra ela e disse/ vá já lá por a cozinha/ dei um murro nela*”.

A INDÚSTRIA CULTURAL NÃO DÁ ESPAÇO PARA A ARTE CRÍTICA

Aprendemos com Marx que as ideias da classe dominante são as ideias dominantes em sua época. Muitas dessas músicas sequer são conhecidas do grande público ou, quando são, há restrições. As censuras impostas pelos movimentos identitários não são um avanço definitivo na vida social.

O racismo permanece. Hoje vemos pessoas gravando vídeos chamando negros de macacos como na música de Gilberto Gil. Não cantar músicas com teor opressor é um resultado das lutas.



A mulher de **Com Açúcar, com Afeto** não representa mais a pequena burguesa, porém ainda é espelho de muitas nas comunidades e periferias. Os crimes de feminicídio seguem numerosos no país. Deixar de ouvir essa e outras músicas, ainda que seu autor não a cante mais, é um silenciamento e em nada contribui para o destino maior da classe trabalhadora: sua emancipação pela revolução socialista. É também o deslocamento da própria história de um artista como Chico Buarque que sempre se colocou ao lado dos oprimidos pelo Sistema.

Uma letra de Martinho da Vila, **Mulheres**, foi ressignificada e ficou bem interessante. A original diz: *procurei em todas as mulheres a felicidade/ mas eu não encontrei e fiquei na saudade*. Na letra, de 1995, o narrador diz que já se envolveu com mulheres de todas as cores, acanhadas, atrevidas, carentes, casadas. Em 2018, ela ganhou uma versão nas vozes de Doralyce e Sílvia Duffrayer citando Dandara, Elza Soares, Anastácia e Chica da Silva: (...) *ninguém está confusa, não te perguntei nada (...) sou mulher, sou dona do meu corpo e da minha vontade*. Estes versos, um belo panfleto feminista, por si só, não levará a uma revolução.

Já o caminho que os identitários buscam é justamente esse, apresentar as pautas e inseri-las dentro do sistema, eles negociam com a Indústria Cultural que é conservadora e lucra com as Opressões, sem proporcionar mudanças estruturais de fato.

É importante que as músicas antigas não sejam reproduzidas ou sejam reclassificadas, bem como as músicas atuais sejam mais críticas tanto a opressões quanto ao sistema que a realiza, como uma propaganda crítica à essa realidade que vivemos.

A mulher irá além de cantar “*eu sou tudo que um dia eu sonhei pra mim*”, quando vivermos em uma sociedade igualitária e pudermos enxergar as músicas machistas, racistas e LGBTfóbicas como parte da História vencida, sem cancelar os artistas que a descreveram em suas aspirações por um mundo mais livre, como Chico Buarque.



08 DE MARÇO: DIA INTERNACIONAL DE LUTA DA MULHER E A SITUAÇÃO SOB O CAPITALISMO

Nos dias 08 de Março de anos anteriores, mesmo com a eleição de Bolsonaro, movimentos e organizações de luta sempre apresentaram assuntos polêmicos e que expressam a situação da mulher trabalhadora.

Sempre Compreendemos esse Dia Internacional de Luta da Mulher como uma data para denunciarmos as dificuldades de vivermos sob o sistema capitalista opressor, que sustenta o patriarcado, o machismo e a homofobia para intensificar a exploração e a desigualdade social-política-econômica.

É um dia para nós, mulheres da classe que vende o trabalho em troca de salário, lutarmos também contra o desemprego, o feminicídio, o estupro, o aborto, todas as demais formas de violência, a fome e a guerra.

No governo **Bolsonaro/Dameres**, ao fazer uma breve comparação nesses dois últimos anos, podemos reafirmar que intensificar essas lutas é mais que necessário, é urgente:

O **desemprego** entre as mulheres bateu recorde. Foram 17,9% de desempregadas, enquanto para os homens foram 12,2% (início 2021). A **diferença salarial** continua alta, mulheres têm salários 34% menores que homens. **Assédio sexual no trabalho** (cresceu 21%). Mulheres Negras **têm maior mortalidade Covid-19** na base do mercado trabalho. A **divisão de tarefas** da casa continua mal com 21,4 h/semana para mulheres e com 11 h para homens.

O **feminicídio** (cerca de 04 mortes/dia), **morte LGBTQIA+** (cresceu 8%, 1 cada 29 h), **estupro** (cerca de 36 mil/ano ou 100 crianças-adolescentes/dia), o **aborto**

(média anual/SUS 1630 – 10% da necessidade real) e o **casamento infantil** (65 mil/ano de 10-14 anos) aumentaram e com subnotificação, inclusive na pandemia.

Com tudo isso, os cortes de verbas foram mantidos para serviços públicos básicos (Saúde, Delegacias da Mulher, Casas Abrigo, etc.) durante toda a pandemia, com atraso e negativa de vacina pelo governo.

As Reformas Trabalhista e da Previdência estão sendo aplicadas a todo o vapor, são parcelas inteiras de mulheres trabalhando sem direitos, sem carteira assinada, sem condições adequadas de trabalho (inclusive, sanitárias), jornadas estafantes e com a aposentadoria cada vez mais distante. Além de baixo o valor do salário-mínimo (R\$ 1212), muitas empresas e terceirizadas criam seus contratos para não pagar também esse valor.

O alto índice de desemprego, aumento da restrição para Auxílio Emergencial (4 x R\$ 375), atrasos na Licença/Salário Maternidade, aumento de preços do petróleo, do gás de cozinha, dos alimentos, dos alugueis, etc. massacram o cotidiano de qualquer mulher trabalhadora no Brasil (desempregada, assalariada, mãe) e intensificam a miséria.

Não é surpresa o papel de todo o governo Bolsonaro com sua ministra Dameres que, de forma autoritária, impõem o esperado para atender os anseios dessa burguesia hipócrita que fala “contra a violência”, de “ajuda humanitária” e até “ressalta a mulher”, mas, aumentam a exploração, a opressão e a humilhação, são antivacina e violam direitos humanos.

Embora, do ponto de vista de classe trabalhadora, todos esses ataques sejam verdadeiros crimes, precisamos ainda insistir na construção de “forças coletivas” de esquerda em cada local, para reverter essa cruel realidade. Não bastam mandatos e candidaturas que insistam no distanciamento às periferias, aos locais de trabalho, moradia, estudo,



etc. É urgente a unidade das mulheres da classe trabalhadora nessas lutas e contra qualquer governo burguês, pois não dão sustentação para extirpar tais crimes e a falta de “democracia”.

NOS IMPACTOS DA COVID-19 E DA GUERRA NA UCRÂNIA

Os capitalistas impõem um maior aprofundamento da fome (reconhecido pela UNICEF) aos pobres no mundo. São utilizadas inclusive para seguir intensificando o nível de toda essa já existente exploração e de suas várias formas de opressão, que têm servido para que mantenham ou até mesmo aumentem suas taxas de lucro sobre cada riqueza produzida pela classe trabalhadora mundial de conjunto.

Essa Guerra já atinge milhares de mulheres e crianças que estão mortas ou tiveram bombardeadas suas casas, trabalho, escolas, creches, etc.; estão refugiadas; rejeitadas em fronteiras; com filhas/os órfãos ou perdidos nas filas da Guerra. Muitas amargam também o Recrutamento Obrigatório, mas várias reagem “Direitos iguais, sim! Deveres, não!”

O capitalismo é assim, cruel, não abre mão das Guerra, da fome (reconhecida mais da metade na Ásia, mais de um terço na África, grande porção na América Latina), do aumento da miséria (mesmo no Brasil grande produtor de alimentos, petróleo, etc.) e de nada do que utiliza para manter a exploração.

No Brasil, com toda essa gravidade, necessitamos voltar às ruas para a luta direta sem aceitar toda essa situação imposta à mulher da classe trabalhadora. Pela vida das Mulheres, pelo fim imediato da Guerra, da fome, por emprego, para derrubar as Reformas, por direitos, por Saúde (inclusive com a legalização do aborto), Educação, contra a violência e todas as formas de opressão (patriarcado, machismo, racismo, homofobia, etc.)! Fora Bolsonaro com todo o seu governo e Dameres!

